

**Vamos enviar este artigo para a revista (Con)Textos Linguísticos. Vai que aceitam?! Uma análise baseada no uso da construção [[vai que] (S) V (C)]**

*Let's submit this paper to the journal (Con)Textos Linguísticos. What if they accept it?! An usage-based analysis of the construction [[vai que] (S) V (C)]*

Juan Lima de Paula<sup>1</sup>

Leyla Ely<sup>2</sup>

Maria Maura da Conceição Cezario<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo refere-se à análise da construção [[vai que] (S) V (C)], no português brasileiro contemporâneo. Por sua vez, essa pesquisa teve prosseguimento por meio dos pressupostos teóricos da Gramática de Construções Baseadas Uso (GCBU), que postula gramática como uma rede de construções linguísticas, formando um *continuum*, pautando suas análises nos objetos linguísticos emitidos durante a comunicação e interação real dos falantes de uma língua. Dessa forma, com a metodologia quali-quantitativa, foram analisados dados escritos com a construção [[vai que] (S) V (C)] da rede social X (antigo Twitter). Nossa análise mostrou que há usos mais idiomatizados, que são realizados a partir da frequência de uso e da singularidade dos verbos que ocupam o *slot* de V, esses que, geralmente, não admitem sujeito expresso e tampouco complementos (ou seja, os exemplos contidos em [vai que V], como em *Vai que cola*, *Vai que rola* e *Vai que dá*). Outrossim, outros usos mais livres fazem parte da construção [[vai que] (S) V (C)], não idiomática. Todavia, *vai que* em ambos os casos refere-se a operadores argumentativos que expressam modalidade epistêmica e apresentam um alto grau de subjetividade em seus usos.

**Palavras-chave:** [[Vai que] (S) V (C)]. Gramática de Construções Baseada no Uso. Modalidade epistêmica.

**Abstract:** This article refers to the analysis of the construction [[vai que] (S) V (C)], in contemporary Brazilian Portuguese. In turn, this research was carried out through the theoretical assumptions of Usage-Based Construction Grammar (UBCG), which postulates grammar as a network of linguistic constructions, forming a continuum, basing its analyses on the linguistic objects emitted during the real communication and interaction of the speakers of a language. Thus, with a qualitative-quantitative methodology, written data with the construction [[vai que] (S) V (C)] from social network X (former Twitter) were analyzed. Our analysis showed that there are more idiomatic uses, which are carried out based on the frequency of use and the uniqueness of the verbs that occupy the V slot, these which, generally, do not admit an expressed subject and neither an complement (that is, the examples contained in [vai que V], as in *Vai que cola*, *Vai que rola* and *Vai que dá*). Furthermore, other more free uses are part of the non-idiomatic construction [[vai que] (S) V (C)]. However, *vai*

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes (CLA)/ Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [juandepaula1234@letras.ufrj.br](mailto:juandepaula1234@letras.ufrj.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes (CLA)/ Faculdade de Letras (FL), Departamento de Linguística e Filologia, Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [leylaely@letras.ufrj.br](mailto:leylaely@letras.ufrj.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes (CLA)/ Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [mmcezario@letras.ufrj.br](mailto:mmcezario@letras.ufrj.br)

*que* in both cases refers to argumentative operators that express epistemic modality and present a high degree of subjectivity in their uses.

**Keywords:** [[Vai que] (S) V (C)]. Usage-Based Construction Grammar. Epistemic modality.

## Introdução

Este trabalho propõe uma análise da construção *[[vai que] (S) V (C)]<sup>4</sup>* no Português Brasileiro (PB) sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). *Vai que*, além de demonstrar produtividade, é uma construção curiosa, de difícil descrição, uma vez que diferentes sentidos (semântico-pragmáticos) emergem no discurso do falante ao utilizá-la.

Segundo Ely e Cezario (2023a), *vai que* pode ser considerado um operador que apresenta sentido de hipótese/possibilidade<sup>5</sup>, utilizado para chamar a atenção do interlocutor. Exibimos, abaixo, dois dados retirados do X (*Twitter*):

(01) Vou jogar nessa mega da virada, *vai que entro no embalo dessa minha sorte de final de ano* (X, 2023, grifo nosso).

(02) Tem aula de narrativa hoje e eu tô com medo de perder. É daqui a meia hora mas *vai que eu esqueço?* (X, 2023, grifo nosso).

As duas ocorrências correspondem, em nossa análise, a usos distintos. Embora em ambas as construções se observe a expectativa do locutor-escritor diante de uma possibilidade — em (01), a de ganhar na Mega da Virada, e em (02), a de esquecer de ir à aula —, elas se diferenciam pelo modo como essa expectativa é configurada. No primeiro caso, há uma justificativa para a decisão de apostar na Mega da Virada, sendo a construção representada por [vai que SVC]. Por sua vez, no segundo dado, é possível verificar uma projeção futura e de contraste sobre o evento anterior. Aqui, estaríamos diante de uma construção representada por *[[vai que] (S) V (C)]*, em que a marcação do sujeito não é obrigatória, e a do complemento não é explícita, podendo ou não ser recuperada pelo material linguístico mencionado anteriormente.

Demarcada essa diferença, restringimos nosso foco de estudo a *[[vai que] (S) V (C)]<sup>6</sup>*, sendo alguns usos mais especificamente representados por [vai que V], pois, com base na análise de Paula (2024) sobre *[vai que cola]* *[vai que rola]* e *[vai que dá]*, argumentamos que estes seriam *chunks* idiomáticos na língua, conectados à rede da construção *vai que* por meio

---

<sup>4</sup> Esta análise faz parte de um trabalho maior de Ely (2024) e Paula (2024).

<sup>5</sup> Também entendido como modalizador epistêmico (Andrade, 2010; Ely; Cezario, 2023a; Ferreira e Rech, 2024) e/ou conector com base condicional (Thomazi, 2010; Neves, 2011; Ely; Cezario, 2023b).

<sup>6</sup> Vale destacar que esta é uma proposta de representação esquemática da construção, uma vez que seguimos discutindo a forma mais adequada de representá-la.

de *links* de herança horizontais. Defendemos assim que *vai que* segue em direção a um *continuum* de idiomaticidade, já que, como observado pelo autor, alguns critérios sintático-semânticos são característicos das construções *vai que cola*, *rola* e *dá*, como a ausência de sujeito e de complemento explícitos e a pouca variabilidade de tempo-modo dos verbos. Ainda sobre a descrição do subesquema *[[vai que] (S) V (C)]*, alguns fatores linguísticos apresentaram resultados interessantes, cuja discussão decorrerá neste artigo, sendo eles: a *avaliação do falante sobre a situação e a postura epistêmica* acerca da oração iniciada por *vai que*.

Tendo em vista os trabalhos das Ely e Cezario (2023a e 2023b) e de Paula (2024), argumentamos que *vai que* em *[[vai que] (S) V (C)]* é um operador de hipótese/possibilidade que corrobora para o sentido de justificação e/ou contraste sobre o conteúdo proferido anteriormente (majoritariamente). Ressaltamos que, embora seja possível alcançar tais sentidos utilizando apenas *vai que*, observa-se que outros conectivos podem fortalecer o sentido da construção (por exemplo, “mas” para contraste e “porque” para justificação). Nossa objetivo, portanto, é a descrição do subesquema referido, tendo como principal pergunta de pesquisa a seguinte: como se dá a correlação entre a avaliação do falante sobre a situação enunciativa e a postura epistêmica de *[[vai que] (S) V (C)]*, em relação à função exercida pela construção?

Nossa hipótese é a de que *[[vai que] (S) V (C)]* constitui um subesquema que abrange duas construções com usos distintos: *[[vai que] (S) V (C)]* e *[vai que V]*. No polo menos idiomático, situa-se *[[vai que] (S) V (C)]* (como em *vai que ele resolve*<sup>7</sup>), caracterizada pela presença de sujeito, pela ausência de complementos explícitos e pela maior variação de tempo e modo verbal. No polo intermediário (como em *vai que funciona*), observa-se um comportamento mais próximo da idiomaticidade: a marcação de sujeito e de complemento tende a desaparecer, embora ainda possa ser recuperada pelo contexto, e a variação de tempo e modo se reduz, optando-se, em geral, pelo presente do indicativo. Por fim, no polo mais idiomático, encontra-se *[vai que V]* (como em *vai que cola*, *vai que rola* e *vai que dá*), em que não há marcação de sujeito nem de complemento — já não recuperáveis anaforicamente, uma vez que a construção abre para o interlocutor múltiplas interpretações —, e a variação de tempo e de modo é enfraquecida, restringindo-se majoritariamente ao presente do indicativo.

Para essa investigação, portanto, tomamos como base a perspectiva da GCBU, que entende a linguagem como um sistema dinâmico construído a partir da experiência e do uso recorrente em contextos comunicativos (Goldberg, 2006; Langacker, 2008; Diessel, 2019). A

<sup>7</sup> Neste caso o complemento está apagado, mas pode ser recuperado contextualmente.

análise dos dados foi conduzida por meio de uma abordagem quali-quantitativa, permitindo a descrição detalhada e interpretativa de *[[vai que] (S) V (C)]*.

Este artigo está dividido em 09 seções, começando por esta introdução. Na seção seguinte, nomeada de “Gramática de Construções Baseada no Uso”, são apresentados os pressupostos teóricos utilizados para a elaboração desta pesquisa. Na seção “Família de construções e a construção *[[vai que] (S) V (C)]*”, tratamos do conceito de *família de construções* (Diessel, 2023) em relação ao nosso fenômeno de estudo. Na sequência, discorremos sobre a postura epistêmica do falante que é marcada em estruturas condicionais e/ou hipotéticas, intitulada “Postura epistêmica”. Após tal apanhado teórico, discorremos sobre os estudos realizados acerca da construção *vai que*, na seção “Estado da Arte”. Por conseguinte, na seção “Metodologia”, são apresentados os parâmetros que foram utilizados para a análise de dados. Na seção “Análise dos dados”, descrevemos as propriedades formais e semânticas da construção *[[vai que] (S) V (C)]*, seguida dos resultados quantitativos sobre os fatores investigados, intitulado “Discussão dos resultados”. Por fim, apresentamos as “Considerações finais”.

### **Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU)**

A GCBU é uma corrente linguística que defende o ponto de vista de que a língua consiste em pares de forma-significado, chamadas de construções (Bybee, 1998, 2010; Goldberg, 1995, 2006; Barlow; Kemmer, 2000; Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014), as quais são organizadas em rede (Goldberg, 2006; Langacker, 2008). Construção é entendida como unidade básica da gramática (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995; 2003; 2006), sendo o conhecimento linguístico estruturado de forma abstrata e hierárquica na mente dos falantes.

Nesta perspectiva, comprehende-se que as línguas naturais são adquiridas pelos falantes a partir de um *input* ativado pela experiência, isto é, pelo uso linguístico (o qual abrange fatores cognitivos, pragmáticos etc.). Em outras palavras, a GCBU atribui relação próxima entre emprego real e estrutura das línguas, reafirmando que a gramática é adquirida e moldada a partir do uso. Logo, a gramática e seu sistema são entendidos a partir da representação cognitiva da experiência dos indivíduos com o mundo, sendo afetados pelas situações de comunicação diárias (Barlow; Kemmer, 2000; Bybee, 2010).

Tendo como pressuposto, portanto, de que as construções são formadas por esquemas cognitivos abstratos adquiridos e/ou modificados a partir das experiências socioculturais do interlocutor, considera-se que o emprego recorrente de uma categoria linguística específica pode criar/gerar novos padrões que se tornam comuns na comunidade de fala, tornando esses mesmos padrões mais produtivos na língua (Bybee, 2010). Por exemplo, substantivos que passam a exercer função verbal em PB, como em “sextar”. “Sexta”, originalmente, era/é um nome utilizado para designar um dia da semana (sexta-feira),

contudo, a partir do uso frequente da construção e da criatividade do falante, surge o verbo “sextar”, cuja semântica denota uma situação positiva (curtir a sexta-feira). Nesse sentido, o nome “sexta” passa a adquirir o padrão dos verbos da língua “sextar”, tornando-se novo pareamento de forma-sentido, sendo conjugado inclusive nas demais pessoas e formas temporais, como na forma de passado em terceira pessoa do singular: “sextou”. Portanto, a construção acaba por ampliar seu uso para a função gramatical de verbo pleno, como outros exemplares já fixados na língua: “falar”, “beijar”, “fofocar”.

Quanto à descrição do pareamento das construções, especificamente, há elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos, ao nível da forma, e características semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, ao nível do significado, que formam as unidades básicas conceptualizadas e compartilhadas entre os falantes; além de haver ligação por meio de *links* simbólicos verticais e horizontais entre os planos ou entre outras construções. Um exemplo é o uso de “Chutar o balde” do PB, que, com base no padrão *verbo + objeto*, forma a expressão idiomática — não-composicional. Por analogia, o falante observa correspondências semânticas e formais da língua (chutar algo = jogar algo para longe), de um padrão mais genérico de *verbo + objeto* (como “chutar a bola”) e, a partir do significado metafórico (chutar = distanciar), utiliza-se do padrão para criação de novas sentenças com outros significados.

Assim, o processo de pareamento e criação de *links* com outras construções, a longo prazo, pode facilitar a organização das competências linguísticas do falante/ouvinte e o funcionamento da língua (Diessel, 2017). Pensando no objeto desta pesquisa, podemos dizer que *vai que* é altamente produtiva (tanto em frequência, quanto em preenchimento de *slots* *[[vai que] (S) (V) (C)]*), sendo a reprodução o que torna essa estrutura automatizada por quem fala PB. Dessa forma, novos usos levam a novos pareamentos, gerando novos *links* na rede (Traugott; Trousdale, 2013), os quais discutimos melhor mais adiante por meio da representação da construção *[[vai que] (S) V (C)]*.

### Família de construções e a construção *[[vai que] (S) V (C)]*

No âmbito da GCBU, além da ideia de construção como pareamento forma-função, outro ponto primordial defendido na literatura é o de que as construções são organizadas em uma rede mental, chamada de *constructicon* (Diessel, 2023; Goldberg, 2006; Hilpert, 2021). Neste sentido, as construções são compreendidas como nós interligados que criam uma rede linguística abstrata, advinda da experiência do falante com outras construções da língua, as quais são esquematizadas e convencionalizadas (*entrenchment*) na mente do indivíduo.

Neste contexto, Diessel (2023) apresenta dois conceitos relevantes para a análise de construções: *família* e *vizinhança* (*family* e *neighborhoods*). Tanto as *famílias* quanto as *vizinhanças* descrevem grupos (ou pares) de construções que têm em comum algumas propriedades formais e/ou semânticas importantes, e esses grupos se diferenciam uns dos

outros por meio de *relações taxonômicas*<sup>8</sup>. Em outras palavras, *família* descreve um grupo (ou par) de construções semelhantes que são categorizadas como subtipos do mesmo esquema; e *vizinhança* descreve um grupo (ou par) de construções semelhantes que são licenciadas por esquemas diferentes.

No que diz respeito às construções *[[vai que] (S) V (C)]* e *[vai que V]*, é possível pensar que ambas estão na mesma *família* e podem ser categorizadas como construções menores do esquema *[vai que S V C]*, tendo papel primeiro a de operador argumentativo hipotético vinculado, por exemplo, ao domínio condicional e à modalidade epistêmica (Ely; Cezario, 2023a e 2023b; Coutinho; Ely; Paula; Ambiel, 2024). Logo, entendemos que os casos de *[[vai que] (S) V (C)]* e *[vai que V]* são construções de usos distintos, que apontam para uma possível construcionalização, isto é, processo de mudança na forma e na função. É neste sentido que alegamos que essas construções se distanciam de *[vai que S V C]*, passando a representar distinções no pareamento e novos nós no *constructicon* do falante, embora haja uma relação taxonômica que une esses esquemas.

### **Postura epistêmica**

Considerando o pressuposto de que *vai que* se liga, de forma geral, ao domínio condicional (Neves, 2011; Ely e Cezario, 2023), principalmente em estruturas de *[vai que S V C]*, assumimos a visão de Fillmore (1990), que afirma que a *postura epistêmica* é parâmetro central em qualquer análise de forma e de significado para esse tipo de construção. Embora estejamos tratando exclusivamente da construção *[[vai que] (S) V (C)]*, consideramos que esta também apresenta situação hipotética, a qual pode ser positiva, neutra ou negativa (Fillmore, 1990).

A postura epistêmica refere-se à associação mental do falante com a dissociação do mundo da proposição *P* (prótase de estruturas condicionais) (Fillmore, 1990). Abaixo, apresentamos alguns exemplos de condicionais prototípicos, retirados de Fillmore (1990, p.34, tradução nossa):

(03) Se o lado vermelho de Manchester está triste, eu estou muito feliz!

(04) Se o lado vermelho de Manchester estiver triste, eu estarei muito feliz!

(05) Se o lado vermelho de Manchester estivesse triste, eu estaria feliz!

Uma das diferenças entre (03), (04) e (05) é que, em (03), o falante se identifica com *P* como uma descrição do real estado das coisas; por outro lado, em (04), o falante não se

---

<sup>8</sup> “As relações taxonômicas conectam esquemas construtivos com construções ou esquemas lexicais em níveis mais altos ou mais baixos de abstração” (Diessel, 2023, p. 16. Tradução nossa).

identifica com P ou com ~P (verdade ou falsidade, respectivamente); e, em (05), o falante se identifica com ~P em vez de com P, como pressupõe Fillmore (1990). O autor ainda explica que é impossível conhecer as verdadeiras crenças do falante: essas formas apresentam o enunciador como tendo certas atitudes, que podem ser incertas. Por exemplo, o falante, em (05), pode estar demonstrando um leve ceticismo, ou pode estar totalmente convencido de que P é falso, mas, em ambos os casos, está demonstrando uma associação com ~P.

Nesta perspectiva, a postura epistêmica do falante frente à proposição (Fillmore, 1990) pode ser positiva, neutra ou negativa; ou, nos termos de Gomes (2008), considerada como aceita, incerta ou não-aceita, respectivamente<sup>9</sup>. Essa classificação é baseada na aceitação ou não aceitação do falante frente ao conteúdo enunciado<sup>10</sup>. Assim, temos:

- (06) Se a direita *acha* que poderá aprontar novamente aquele movimento FASCISTA disfarçado de indignação contra a corrupissum, ela que se prepare, porque desta vez não será fácil. Da outra vez a esquerda estava perdida e se sentia culpada, hoje a situação é bem diferente. (X, 2023. grifo nosso).
- (07) Se tu *der* um elenco com 1 BILHÃO DE EUROS, o Ancelotti também monta uma seleção e é campeão. (X, 2023. grifo nosso).
- (08) Ancelotti se eu *fosse* vc vinha treinar a seleção brasileira. (X, 2023. grifo nosso).

Nesses exemplos, o locutor-escritor julga de diferentes formas o conteúdo da proposição expressa em P. Em (06), quem fala aceita como verdadeiro o conteúdo enunciado, ou seja, a direita de fato achar que está no direito de “aprontar”; em (07), tem-se um fato incerto, porque é possível que a pessoa dê ou não um elenco com 1 bilhão de euros; e, em (08), considera-se como não-aceita a proposição enunciada em “se eu fosse você”, entendendo o conteúdo como contrário – visto que não há como alguém ser outra pessoa, ou seja, “eu” ser “você”.

Como se poderia prever, esse parâmetro é aplicável às construções [[*vai que*] (S) V (C)], uma vez que o falante utiliza diferentes estratégias para assumir o conteúdo da proposição como aceita, incerta ou não-aceita. Por exemplo:

---

<sup>9</sup> Gomes, na verdade, trabalha com as definições de *aceita* e *incerta*, para se referir a *positiva* e *neutra*; com base no autor, Ely (2025, no prelo) propõe o termo *não-aceita* para designar a definição *negativa* de Fillmore.

<sup>10</sup> Trabalhamos com essa definição porque há casos em que há ambiguidade na postura epistêmica do falante. Logo, ao ler a aceitação do falante frente a proposição, alguns casos são esclarecidos, como: “João não terminará a tempo, se houver tanta pressão nele agora”, em que, apesar do futuro do subjuntivo (*houver*), o falante aceita claramente que há muita pressão sobre João e que, se assim continuar, João não finalizará sua tarefa a tempo (Gomes, 2008, p. 229).

- (09) Outro truque usado por Rafaela é não checar o gabarito dos vestibulares antes da Fuvest. No da Unesp, que aconteceu no último domingo (17), ela ainda não sabe como foi. " Não conferi, *vai que desanima* ", afirmou. (X, 2023. grifo nosso).
- (10) Caso NADA disso tenha resolvido seu problema (o que eu acho bem improvável) experimente reinstalar os drivers e / ou formatar seu computador, o problema pode (na realidade não pode, mas *vai que seja*) ser drivers. (X, 2023. grifo nosso).
- (11) Ele olhou pra mim, riu e certamente disse que não ia rolar o presente. Já esperava isso mas *vai que colasse*, né? (X, 2023. grifo nosso).

Como se nota, o locutor-escritor assume determinadas *posturas epistêmicas* frente à proposição P. Uma das marcas para essa escolha é a flexão modo-temporal no verbo principal de P. Em (09), é perceptível que o locutor-escritor entende o conteúdo como factualmente possível de acontecer, e, por isso, considera o fato como aceito. Inclusive, a declaração feita pelo enunciador sobre “não conferir o gabarito” funciona como uma afirmação para a possibilidade de o desânimo vir a acontecer. Por sua vez, em (10), o locutor-escritor faz uso do modo subjuntivo, o que por si só marca o fato como incerto (Ferrari, 2015). E, em (11), a forma subjuntiva do pretérito-imperfeito (*colasse*) marca ~P, ou seja, há negação quanto à factualidade da proposição e, por isso, é considerada como não-aceita pelo falante.

Contudo, no caso das construções [[*vai que*] (S) V (C)], essa diferenciação nem sempre é tão evidente, visto que a verificação quanto ao tempo-modo verbal, por vezes, não é suficiente para sabermos se a postura epistêmica é de fato aceita, incerta ou não-aceita. Observemos as ocorrências abaixo:

- (12) Muita vontade de comer pizza, vou pedir pro boy *vai que ele resolve* kkk (X, 2023. grifo nosso).
- (13) quero fazer uma Medusa no braço, mas to com medo de gastar dinheiro em vão kkkkkk *vai que não aparece* (X, 2023. grifo nosso).
- (14) Animando sozinha com o espelho como se aquela lá fosse outra pessoa (*vai que é*) (X, 2023. grifo nosso).

Em (12), o locutor-escritor assume o fato como aceito, uma vez que a pessoa, por meio de sua experiência com o parceiro, sabe que ao pedir a pizza ele provavelmente irá comprá-la, dessa forma ela efetua o pedido; essa postura também é marcada pelo uso do verbo no indicativo, como argumenta Ferrari (1999). Por outro lado, (13) apresenta fato incerto, pois, verifica-se uma hipótese levantada pelo locutor-escritor, que surge de seu desconhecimento

sobre tatuagens – nesse caso, ele acredita que a tatuagem de Medusa pode ficar de uma forma inesperada (“apagada”). Já (14), apesar de o modo estar no indicativo, é possível considerar a postura epistêmica frente ao conteúdo proposicional como sendo de fato não-aceito, isso pela impossibilidade da situação enunciada: não há ocasião em que um espelho reflita alguém diferente de quem está à sua frente; o interlocutor também sabe da impossibilidade, utilizando a ironia em seu discurso. Assim, é evidente a importância de tal fator para a descrição da construção.

### **Estado da arte**

É bem verdade que existem poucos estudos sobre a construção *vai que*, entre eles quatro escritoras destacam-se em suas contribuições (na perspectiva funcionalista), que são de extrema importância para a compreensão dos papéis semânticos e sintáticos atribuídos à construção *vai que* e que contribuem para este trabalho, sendo elas: Longhin-Thomazi (2010); Andrade (2012, 2014 e 2017); Ely; Cezario (2023a e 2023b). Apoiamos a descrição de *vai que* nas pesquisas citadas, mantendo, porém, o foco deste trabalho especificamente no subesquema *[[vai que] (S) V (C)]*, cuja restrição qualifica o entendimento sobre a construção.

Longhin-Thomazi (2010) argumenta que *vai que* se diferencia da construção condicional prototípica (*Se p, então q*), apresentando dois padrões estruturais próprios, como em<sup>11</sup>:

- (15) Eu não sei vocês, mas um dos medos que eu tenho é de panela de pressão. Tá maluco passar perto, *vai que ela explode* (X, 2023. grifo nosso).
- (16) *Vai que se eu começar* a fazer isso, eles não resolve de ir logo (X, 2023. grifo nosso).

O primeiro padrão seria representado por X, *vai que Y*, (*então Z*), como é o caso de (15), pois *vai que* introduz uma hipótese (a panela de pressão explodir) para justificar a afirmação que aparece no primeiro momento (o medo da panela de pressão explodir). Além disso, nesse padrão, *vai que* pode ser substituída por *e se*, mas não por *se* (“Eu não sei vocês, mas um dos medos que eu tenho é de panela de pressão. Tá maluco passar perto, *e se* ela explode”). Por outro lado, a representação do segundo padrão seria: *Vai que X*, (*então*) Y, o qual pode ser visto em (16), em que a construção introduz o conteúdo da oração seguinte. Assim, a oração posterior tende a concluir a situação presente em *vai que*. Além disso, esse exemplo não admite substituição nem por *se*, nem por *e se*, porque, nesse caso, a expectativa do falante seria anulada.

---

<sup>11</sup> Os exemplos utilizados nesta seção não foram retirados das pesquisas supracitadas, foram selecionados dados mais recentes.

Ainda, Longhin-Thomazi (2010, p. 147) afirma que a construção *vai que* é uma expressão cristalizada na língua e que desempenha o papel de operador argumentativo nas sentenças das quais participa, direcionando o argumento, estabelecendo conexão com a condicionalidade. Por sua vez, Andrade (2012, 2014 e 2017) aprofunda a análise de *vai que*, sugerindo que esta seria um novo pareamento de forma-sentido. A autora (2014) parte da hipótese de que é criada uma transferência de projeção metafórica na estrutura *vai que*, por conta da construcionalização do verbo *ir* – que passa a representar o conceito de futuro, além de posicionar o falante, projetivamente. Essas representações são motivadas cognitivamente formando um vínculo analógico entre *ir* e o conceito de “seguir em frente” como projeção de futuro e, por isso, ajuda o falante a expressar crenças e expectativas (por meio da (inter)subjetividade).

- (17) Vou passar ano novo sem calcinha *vai que dá bom* (X, 2023. grifo nosso).
- (18) comecei a assistir a lenda de korra. tô no quarto episódio mas confesso que tá parecendo meio bunda. eu que amei avatar tô bem decepcionada mas seguindo *vai que melhore* (X, 2023. grifo nosso).

Andrade (2012) afirma que *vai que*, como nos casos de (17) e (18), possui sentido de possibilidade. Nesse viés, os contextos acima se aproximam do sentido vinculado por *quem sabe*. Os exemplos mostram o caráter de operador argumentativo da construção, isto é, os contextos em que *vai que* perderia o valor de núcleo da oração ao introduzir um argumento hipotético que se liga à oração anterior, podendo expressar noção de probabilidade ou demonstrar uma conjuntura positiva ou negativa, a depender do contexto antecedente (Andrade, 2012, p. 7). Desse modo, o sentido de possibilidade se dá pela forma como o falante utiliza sua experiência e, assim, especula sobre as opções disponíveis para a realização (ou não) do evento enunciado (Andrade, 2017, p. 43).

Como dito anteriormente, *vai que* tem relação com a (inter)subjetividade de quem fala, sendo uma expressão que parte do ponto de vista de quem comunica. Dessa forma, para Andrade (2017), a construção representa projeções, sendo utilizada de forma metafórica para se referir às previsões do falante. Essa relação metafórica é cognitivamente motivada, pois o indivíduo utiliza sua própria experiência como referência de projeção abstrata de futuro (Andrade, 2012, p. 7), tornando *vai que* tanto um operador argumentativo quanto um marcador epistêmico.

Segundo Ely e Cezario (2023b, p. 152), a construção apresenta conexões semânticas e formais com outros enunciados paradigmáticos modalizadores epistêmicos.

- (19) Sempre tem aquela pessoa que te manda vaga de emprego sem nem se quer ter lido sobre a vaga.

Aí vc fala "ah mas precisa ter experiência de astrônomo quântico físico e eu só tenho de telemarketing"

E a pessoa:

"Manda mesmo assim, *vai que pegam* né" (X, 2023. grifo nosso).

Em (19), *vai que* introduz uma hipótese apresentada pelo falante, o qual assume postura “positiva” (pegarem o currículo) sobre o que foi apresentado na oração anterior (mandar seu currículo mesmo não cumprindo os requisitos da vaga). Neste sentido, a oração anterior funciona como forma de preservação de face (Ely; Cezario, 2023a, p.254) por parte do falante, pois, quando se coloca na situação hipotética “vai que pegam”, ele se isenta de alguma responsabilidade, enquanto convence o ouvinte, mesmo que possa acreditar que as chances de o interlocutor-leitor conseguir a vaga sejam baixas.

Ely e Cezario (2023a) também defendem *vai que* como uma estrutura convencionalizada na língua, que assume função de operador argumentativo e/ou marcador epistêmico e que possui ligação com o domínio condicional. Ainda, as autoras afirmam que outras construções que surgem a partir do esquema *[Vai que<sub>CONNECT</sub> (SUJ) + V C]* são usadas para flexibilizar e codificar a argumentatividade do interlocutor, além de projetar possibilidade sobre o enunciado (Ely; Cezario, 2023a, p. 261). A hipótese das pesquisadoras aponta para *vai que* como uma nova construção, mais independente sintaticamente e estabelecendo sentido epistêmico não-asseverativo de possibilidade ou dúvida (a depender da situação comunicativa).

Assim, apesar de as autoras anteriores serem o ponto de partida para este trabalho, nossa proposta difere em relação às outras pesquisas, pois partimos da análise de uma representação específica da construção (*[[vai que] (S) V (C)]*). Dessa forma, entendemos que, ao investigarmos o subesquema referido, tomando como critério de avaliação os fatores de postura epistêmica e avaliação do falante frente à situação anterior, podemos contribuir para resultados sobre fatores que podem servir como base para as próximas pesquisas sobre *vai que*.

## Metodologia

A análise proposta neste trabalho é quali-qualitativa. Foram coletados 222 dados escritos de *[[vai que] (S) V (C)]*, em PB contemporâneo do X (Twitter)<sup>12</sup>. Selecionei apenas as construções sem complemento expresso, pertencentes ao subesquema referido. A escolha do *corpus* se deu por conta da plataforma X apresentar usos mais próximos dos contextos reais informais de comunicação.

---

<sup>12</sup> <https://twitter.com>

Ao possibilitar ferramentas de filtragem e busca avançada, o X se mostrou permissivo para uma análise mais criteriosa. Dentre as ferramentas disponibilizadas, destacam-se as seguintes (que foram usadas para nossa análise): (1) seleção de palavras, buscamos por “*Vai que*”, para recebermos apenas dados com a construção *vai que* e não outros casos com a forma do verbo ir mais o complemento (*que*) separados; (2) seleção de língua, “Português”<sup>13</sup>; (3) engajamento, escolhemos a aba “mais recentes”, então questões como número de curtidas ou compartilhamentos não interessaram; (4) data, recolhemos os dados entre os anos de 2019-2023 e delimitamos a busca em três meses (janeiro, junho e dezembro, mês 01, 06 e 12, respectivamente)<sup>14</sup>.

Quanto aos fatores analisados, selecionamos: (i) postura epistêmica – fato aceito, incerto e não-aceito, e (ii) avaliação do falante sobre a situação anterior – positiva, neutra, negativa. Sobre esses fatores, nossa hipótese era a de que, quando houvesse sentido *contrastivo*, a postura epistêmica da construção com *vai que* e a avaliação do falante sobre a situação anterior seriam marcadas por pares opostos, como aceito + negativo, incerto + negativo ou incerto + positivo e vice-versa, o que geraria mudança ou quebra de expectativa do discurso do falante, tornando, portanto, a construção disruptiva; e, quando fosse usada como *justificação*, haveria marcação de reforço, ocasionada pelo pares aceito + positivo, neutro + neutro ou negativo + negativo, quando o falante quer justificar o argumento introduzido anteriormente em seu discurso.

## Análise dos dados

Nesta seção, efetuamos a análise da construção *[[vai que] (S) V (C)]*. Após, apresentamos a discussão dos resultados quantitativos referentes aos fatores (i) postura epistêmica e (ii) avaliação do falante sobre a situação anterior.

Para dar início à análise qualitativa da construção, discutimos algumas ocorrências:

- (20) David Luiz fez muito bem em não comemorar o gol. *Vai que lesiona? Vai que cansa?* Levou quase cinco minutos para voltar pro campo de defesa, pessoal pensando que era revisão do VAR mas era ele que ainda estava no campo do adversário... (X, 2023. grifo nosso).
- (21) Quero cortar a unha do pé mas tenho medo porque me viciei em vídeos de podologia, *vai que encrava* (X, 2023. grifo nosso).

<sup>13</sup> A plataforma não faz diferença entre as variedades do português.

<sup>14</sup> Importante ressaltar que não foram analisadas aqui as ocorrências de *vai que* (S) V (C) quando elas nomeiam alguma produção (como o programa “Vai que cola” (2013), por exemplo).

Essas ocorrências fazem parte da representação *[[vai que] (S) V (C)]*, em que o sujeito pode ser recuperado inferencialmente e o complemento não é expresso. O *slot* do verbo é preenchido com verbos não gramaticalizados ou metafóricos (lesionar, cansar e encravar), tendo maior variação tempo-modo verbal. Em ambos os casos, *vai que* retoma o discurso anterior, corroborando com a argumentação do escritor-locutor. Em (20), *vai que* é interfrásica, e em (21), intrafrásica, abrindo para uma hipótese impossível (em 20) – já que David não se lesionou –, e uma hipótese possível, isto é, passível de concretização (em 21) – neste caso, a unha encravar ao ser cortada.

Quanto à postura epistêmica por parte do falante, percebe-se que é de fato não-aceito e aceito ((20) e (21), em que o enunciador sabe que, apesar do conteúdo não ter acontecido, era possível ocorrer a situação descrita ou acredita que a situação possa ser realizada, respectivamente. Ainda sobre a função de *vai que*, é perceptível, nesses casos, o valor de justificação, pois o escritor-locutor faz uso do operador para corroborar com a proposição que é apresentada anteriormente, utilizando-o como forma de argumentação. Vale ressaltar que *vai que* demonstra ser uma construção intersubjetiva, visto que exerce influências sobre o ponto de vista do leitor, como já apontava Andrade (2019, p. 155).

Outro contexto em que *vai que* aparece é o de contraste, sendo utilizado para contradizer as expectativas do falante:

- (22) Tem aula de narrativa hoje e eu tô com medo de perder. É daqui a meia hora mas *vai que eu esqueço?* (X, 2023. grifo nosso).
- (23) Pior que o Palmeiras poderá enfrentar o Bayern na final né mano. De igual pra igual não vai rolar, mas *vai que ganha* né (X, 2023. grifo nosso).

Sobre esses dados, é possível observar que *vai que* tem valor contrastivo de forma indireta, isto é, a construção sinaliza contraste por meio do contexto comunicativo (Schwenter, 2000, p. 260) e por ser antecedida por *mas*, em que – apesar de o falante sempre marcar uma expectativa – a hipótese criada pela construção é de expectativa contrária: (23) do Palmeiras ganhar caso enfrente o Bayern na final, e (22) de o locutor esquecer da aula de narrativa e se atrasar. Ainda, em ambos os casos, a construção aparece em final de sentença, recuperando o sentido anterior e abrindo para uma possibilidade sobre o assunto que foi expresso anteriormente. A diferença, entretanto, está na marcação explícita (22) e subentendida (23) do sujeito, o que torna o primeiro uso mais à esquerda do *continuum* de idiossincardade.

Assim, a partir da análise qualitativa efetuada, entendemos que, na construção *[[vai que] S V (C)]*, que preenche o *slot* do sujeito, a projeção hipotética pode ou não emitir o ponto de vista do falante. Esse ponto de vista é emitido quando o sujeito está na primeira pessoa do singular, e pode não o ser, quando o sujeito está implícito (23) ou quando está em outra

pessoa que não a primeira. Essa “auto marcação” (dado 22) faz com que o posicionamento do falante seja destacado, deixando sua face mais exposta<sup>15</sup>, dificultando o afastamento do locutor da projeção.

Dito isso, há exemplos que, apesar de fazerem parte do esquema *[[vai que] (S) V (C)]*, distinguem-se das ocorrências apresentadas pelo fato de serem mais idiomáticas, como em:

- (24) Vou tentar treinar em casa, *vai que cola* (X, 2023. grifo nosso).
- (25) Queria tanto um Ps5 ou ps4 pra sair do Xbox .... @PlayStation ... *vai que dá certo* (X, 2023. grifo nosso).
- (26) queria um galaxy folder 2 de aniversário. assim, sei lá, *vai que rola* (X, 2023. grifo nosso).

Nas ocorrências, a construção *vai que* localiza-se ao final do contexto discursivo, retomando todo o sentido trazido na sentença anterior, em que revela um caráter de possibilidade e/ou hipótese. Nessas sentenças, representadas por [Vai que V], a construção não admite sujeito e nem complemento (nesses casos, o complemento não é identificado de forma implícita)<sup>16</sup>. Mais especificamente, em (24), o verbo “colar” não se refere ao ato literal de colar algo, mas sim da situação metafórica de suprir as expectativas do falante; em (25), *vai que* se une a uma construção do tipo *Dar* (AA) (Cumán; Marques, 2022)<sup>17</sup>, fazendo com que a posição do falante quanto a sua expectativa se torne menos neutra e mais marcada pelo posicionamento, que, neste caso, é positivo; e, em (26), a construção também recupera o sentido discurso anterior, utilizando-se de uma forma idiomatizada, muito próxima ao sentido de “vai que dá”. Assim, as ocorrências levam *vai que* como forma de revelar as expectativas do locutor-escritos de que uma situação se realize.

Acima, *vai que* apresenta usos próximos a expressões idiomáticas, criando um *chunk* em que não há presença de sujeito ou complemento e há preferência por três verbos

---

<sup>15</sup> Esse ponto é importante, porque Ely e Cezario têm argumentado que *vai que* é utilizado, na maioria das vezes, como protetor de face do falante.

<sup>16</sup> Vale ressaltar aqui o argumento dado na introdução deste escrito sobre as possibilidades de interpretação do falante sobre complemento (quando há). Uma das inferências possíveis a partir de “vai que cola” é “vai que cola treinar em casa”, porém, a construção pode deixar em aberto outras interpretações, por exemplo: “vai que cola de assim eu, finalmente, conseguir me exercitar”. De acordo com a abordagem adotada neste trabalho (GCBU), entendemos que o locutor pode comunicar para além do que é expresso, já que ambos compartilham conhecimento, perspectivas, inferências, atenção etc. Outros exemplos que corroboram para essa afirmação são (27) e (30), abaixo.

<sup>17</sup> Cúman (No prelo) argumenta a favor da hipótese de que nos usos da construção *Dar* (AA) há uma mudança na grade argumental do verbo “dar”. A autora defende que a construção passa do uso (majoritário) bitransitivo para intransitivo em *Dar* (AA), visto que existe uma mudança de preferência de sujeitos +animados e +agentivos, para sujeitos -animados e -agentivos, além de haver modificações na estrutura informacional (nos casos da construção bitransitiva a estrutura recai sobre o predicado, já na intransitiva recai na construção).

específicos (*colar*, *rolar* e *dar*) no presente do indicativo e fora de seu significado tradicional. Neste sentido, é possível argumentar que a força da construção (Hilpert, 2021) licencia um novo significado para os verbos presentes no *slot*, uma vez que não foram encontradas ocorrências desses verbos com sentido não idiomático.

## Discussão dos resultados

Com o objetivo de corroborar com as afirmações feitas acima e de mostrar a relação entre os fatores de postura epistêmica e avaliação do falante, é apresentada a seguir a análise quantitativa. Os resultados são os que seguem.

### Postura epistêmica

A postura epistêmica foi um dos fatores analisados, sendo controlado a postura de (i) fato aceito, (ii) não-aceito e (iii) incerto, conforme nomenclaturas propostas por Gomes e Monken (2011). Para demonstração, seguem os exemplos:

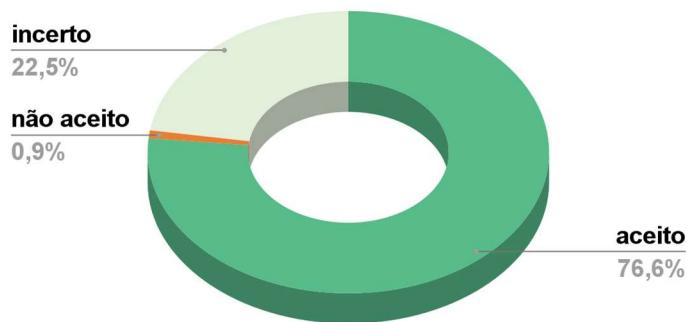
- (27) *[aceito]* Nem vou reclamar... *Vai que* piora. (X, 2023. grifo nosso).
- (28) *[não aceito]* Vi uma foto dele e as borboletas começaram a girar aqui dentro do meu estômago... vou tomar água sanitária, *vai que elas param* (X, 2023. grifo nosso).
- (29) *[incerto]* Pior que o Palmeiras poderá enfrentar o Bayern na final né mano. De igual pra igual não vai rolar, mas *vai que ganha* né (X, 2023. grifo nosso).

Em (27), o locutor assume o fato como aceito, uma vez que sua crença de que as “coisas”<sup>18</sup> possam piorar é tão forte, que ele prefere não comentar para a situação não ficar pior; já em (28), apesar do modo indicativo, temos um fato não-aceito por conta de a situação enunciada não ser possível: nenhuma pessoa tomaria água sanitária em uma situação de incômodo no estômago, nesse caso o falante se utiliza da ironia. Por fim, em (29), há o fato incerto, pois, há uma hipótese criada pelo locutor sobre o que pode acontecer ao Palmeiras se eles chegarem à final; nesse caso, embora seja de conhecimento do locutor que o Palmeiras não pode ganhar em uma situação normal, ele acredita que há uma possibilidade de vitória. O Gráfico 1, abaixo, mostra os resultados obtidos:

---

<sup>18</sup> Este exemplo denota um caso em que não há como recuperar linguisticamente o complemento de piorar (alguma questão de saúde, financeira, familiar ou outra). Além disso, tratando-se do X, essa informação pode estar pressuposta, dado como conhecimento do interlocutor, ou não, visto que a rede social é utilizada, muitas vezes, como um diário pessoal. Dessa forma, uma das questões que podemos refletir é até que ponto o *slot* do complemento pode ser linguisticamente expresso.

Gráfico 1 - Postura Epistêmica em *vai que* (S) V (C)



Fonte: autoria própria.

O gráfico demonstra predominância das ocorrências que levam a postura epistêmica de fato aceito (76,6%), seguido de incerto (22,5%) e de não aceito (0,9%). Esses resultados já eram esperados porque o modo indicativo, que normalmente demarca fato aceito, é o mais frequente na amostra de dados, além de ser o modo não marcado do PB. No entanto, a frequência da marcação de postura epistêmica de fato incerto é também relevante, sendo esta marcada inclusive em dados com o verbo no indicativo. Nestes casos, entende-se como fato incerto a partir do contexto em que a construção está inserida. Além disso, na perspectiva aqui adotada, comprehende-se que a semântica da construção corrobora para a incerteza do falante, visto que *vai que* denota sentido hipotético, abrindo para determinada possibilidade ou dúvida, por exemplo.

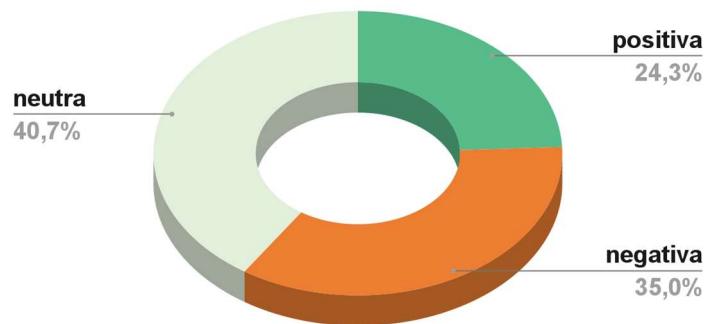
#### Avaliação do falante sobre a situação anterior

O fator *avaliação do falante* foi analisado em relação à oração imediatamente anterior à estrutura *[[vai que] (S) V (C)]*, considerando três categorias: (i) positiva, (ii) negativa e (iii) neutra.

- (30) [positiva] *Joguei meu bônus num bingo da NBA* vai que cola! (X, 2023. grifo nosso).
- (31) [negativa] *não vo fazer vestibular pra u/fsm* vai que eu passo e tenho que morar em santa m4ria (X, 2023. grifo nosso).
- (32) [neutra] *Tudo que pode ser simples o técnico tricolor faz questão de fazer ser difícil*  
+3 se aproveitar o elenco vai que melhora...? (X, 2023. grifo nosso).

Em (30), o falante demonstra ter uma avaliação positiva da situação, uma vez que a pessoa – ao apostar seu bônus no bingo – acredita que possa ganhar o jogo. O exemplo (31), por sua vez, mostra uma avaliação negativa, onde o locutor julga como ruim ir morar em Santa Maria, essa opinião é tão forte que nem mesmo ele irá prestar o vestibular pela mínima chance de a mudança acontecer. Por fim, em (32), há neutralidade no julgamento do escritor da mensagem, uma vez que ele diz o que faria se estivesse no lugar do técnico do Fluminense. Os resultados encontrados foram ilustrados no Gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2 – Avaliação do falante sobre a situação<sup>19</sup>



Fonte: autoria própria.

Conforme o gráfico, 40,7% dos dados se relacionam à avaliação neutra, 35% à negativa e 24,3% à avaliação positiva. Tais resultados são interessantes porque não necessariamente seguem o mesmo padrão da construção *[[vai que] (S) V (C)]*. Repare que há frequência significativa de contextos negativos, anteriores à construção *vai que*, bem como neutros, seguido de positivos. Esses resultados, de certa forma, já eram esperados, porque à medida em que estudávamos *vai que*, percebemos que a construção ocorre predominantemente em contextos negativos, que tornam o uso de *vai que* disruptivo.

Relacionando os dois anteriormente citados, elaboramos a Tabela 1 para avaliar se o valor de contraste e/ou justificativa é mais marcado em determinados contextos e se esses dois fatores influenciam um ao outro. Os resultados apontaram para:

<sup>19</sup> A porcentagem total equivale a 214 dados. A diferença numérica ocorreu por conta de 8 dados que não possuíam uma oração anterior, por sua vez não são compatíveis com esse critério de avaliação.

Tabela 1 – Cruzamento: Postura Epistêmica x Avaliação do Falante

Cruzamento	Fato aceito	Fato não-aceito	Fato incerto	Total
<b>Avaliação positiva</b>	33 (63,4%)	01 (1,9%)	18 (34,6%)	52 (100%)
<b>Avaliação negativa</b>	55 (73,3%)	01 (1,3%)	19 (25,3%)	75 (100%)
<b>Avaliação neutra</b>	76 (87,3%)	0	(12,6%)	(100%)
<b>Total</b>	164 (76,6%)	02 (0,9%)	48 (22,4%)	214 (100%)

Fonte: autoria própria.

Dos 52 dados com avaliação positiva do falante sobre a situação anterior, 63,4% se configuram como fato aceito, representando casos de justificativa plena (sem possibilidade de usos contrastivos), já 34,6% como incertos, aceitando usos de contraste ou justificativa, enquanto 1,9% representam fato não-aceito. Nos casos de avaliação negativa, temos, novamente, o fato aceito como mais relevante (73,3%), seguida de fato incerto (25,3%) e não-aceito (1,3%), em todos esses casos a construção pode representar justificativa e/ou contraste. Contudo, entendemos<sup>20</sup> que exista uma preferência pela postura de fato aceito dada a natureza do nosso objeto de estudo, já que o falante busca justamente contrapor a avaliação negativa do evento anterior, apresentando uma possibilidade ao interlocutor. Por fim, a avaliação neutra segue a preferência da postura de fato aceito (87,3%) e de fato incerto (12,6%), em que se aceita os valores de justificação e contraste.

Em relação às posturas de fato aceito e incerto os resultados apontaram para conclusões esperadas, uma vez que a construção costuma estar incluída em contextos de situações reais ou possível de realização. Em relação ao fato não-aceito, no entanto, por conta da baixa quantidade de casos, não podemos fazer generalizações muito assertivas. Todavia, a falta de representação dessa postura nos dados pode ser um indício de que o falante tende a usar a construção majoritariamente em situações de hipóteses possíveis de serem

<sup>20</sup> Essa afirmação é dada a partir dos resultados encontrados em nossas planilhas *Excel*, onde os dados foram organizados para análise.

realizadas, a partir de situações factuais (fato aceito) ou situações incertas acontecer no mundo real (fato incerto).

Assim, os resultados visualizados na Tabela 1 apontam para uma influência entre a postura epistêmica e avaliação do falante, dado que o falante utiliza a construção a partir das suas crenças e expectativas, justificando ou contrastando o enunciado anterior (sempre adequando-se ao contexto e moldando seu discurso em prol de uma interpretação intersubjetiva e específica do interlocutor).

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos descrever *[[vai que] (S) V (C)]*, analisando dois fatores principais (i) Postura epistêmica e (ii) Avaliação do falante sobre a situação, à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso.

Com base na investigação realizada, argumentamos que a construção *[[vai que] (S) V (C)]* possui dois usos distintos representados neste trabalho por *[[vai que] (S) V (C)]* e *[vai que V]*, ambos convencionalizados no português do Brasil. A função de *vai que* nessas construções é de operador argumentativo de valor epistêmico, em que o falante cria uma projeção hipotética, manifestando suas crenças e expectativas sobre determinada situação. Tais construções são sintaticamente mais independentes e abrem para uma projeção hipotética com sentido de possibilidade e/ou dúvida, a qual justifica ou contrasta com o que está sendo dito, funcionando como reforço argumentativo do falante.

Em relação ao *continuum* de idiomaticidade, verificou-se que existem diferenças nos usos das construções do subesquema *[[vai que] (S) V (C)]*. A construção *[[vai que] (S) V (C)]* (- *idiomática*), normalmente, marca o sujeito de forma explícita ou pode ser facilmente recuperado pelo contexto, além de permitir variação de tempo e modo verbal e pode apresentar um complemento não explícito, mas anafórico. Nesse uso, *vai que* funciona como um operador de hipótese que auxilia na argumentação do falante, justificando e/ou contrastando o que foi dito no discurso anterior. Por outro lado, *[vai que V]* (+ *idiomático*) seleciona três verbos específicos (colar, rolar e dar), formando um *chunk* mais forte, em que há pouca (ou quase nada) variação de tempo e modo verbal e não há marcação de sujeito, nem costuma apresentar complementos anafóricos (e quando há, eles costumam não ser diretamente recuperáveis sem um contexto maior do leitor/ouvinte). Funciona para concluir a argumentação do falante sobre determinado evento, de forma a apresentar uma possibilidade carregada de expectativa (positiva, neutra ou negativa) sobre a situação. Ressaltamos também que há um polo intermediário de idiomaticidade, dado que algumas ocorrências se aproximam de *[vai que V]* quanto ao seu comportamento formal, como são os casos de *vai que funciona*, *vai que melhora* e *vai que chove*, por exemplo.

Apesar das diferenças nas questões de idiomática, observou-se que há estabilidade no que diz respeito às questões de postura epistêmica e de avaliação do falante. Isso fortalece o ponto de vista de que a construção é argumentativa, utilizada para justificação e/ou contraste de fatos aceitos (na maior parte das vezes), incertos ou não-aceitos. Ainda, é importante frisar que, embora os dados com postura epistêmica de fato incerto e aceito tenham resultados expressivos, corroborando com nossa hipótese inicial, não é possível postular pressupostos sobre o fato não-aceito – isso pelo baixo número de dados de tais ocorrências. Nesse sentido, para trabalhos futuros, pretendemos ampliar a amostra de dados coletados.

Por fim, é esperado que este trabalho possa ser relevante e importante, tanto para o fortalecimento das pesquisas funcionais, quanto para as análises da construção *vai que* no Brasil.

## **Referências**

ANDRADE, M. A. da S. **Construções Gramaticais com Ir no Português Brasileiro Contemporâneo**. Natal: Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, 2017, p.1-118.

ANDRADE, M. A. da S. O uso das construções vai ver e vai que no discurso. *In:* Jornada Nacional Do Grupo De Estudos Linguísticos Do Nordeste, 14., 2012, Natal. **Anais [...]**. Natal: GELNE/UFRN, 2012.

ANDRADE, M. A. da S. Gramaticalização: (inter)subjetivização e modalização nas estruturas vai ver e vai que. *In:* Congresso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina, 17., 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ALFAL, 2014.

ANDRADE, M. A. da S. Aspectos semântico-discursivos das construções vai que e vai lá. *In:* José Romerito Silva; Dioney Moreira Gomes. (org.). **Análise linguística em perspectiva funcional**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2019. p. 134-162.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam: Benjamins, 1995.

COUTINHO, N.S.N; ELY, L; PAULA, J. L; AMBIEL, M.A. Construções Epistêmicas: os casos de Vai Que e De Repente. *In:* CEZARIO, M. M. C; MARQUES, P. M; CASTANHEIRA, D. (Org.). **Pesquisas funcionalistas e aplicações ao ensino superior**. 1ed.: Pimenta Cultural, 2024, v. , p. 264-285. DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99635.10

CUMÁN, R. R. MARQUES, P. M. Deu Muito Certo: Uma Análise De Algumas Microconstruções Do Subesquema [Dar Aa] No Português Brasileiro Atual. Rio de Janeiro: **e-scrita**, 2022.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: Mark Aronoff (ed.), **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. Nova York: Oxford University Press, 2017.

DIESSEL, H. **The Constructicon: Taxonomies and Networks**. Cambridge: Cambridge University Press; 2023.

ELY, L ; CEZARIO, M. M. [Vai que] e a condicionalidade: uma análise baseada no uso. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.13, n.1, e.2579, 2023a, p.245-264. Jan-Abr./2023. DOI: 10.22168/2237-6321-12579.

ELY, L. CEZARIO, M. M. [Vai que] e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional. **Soletras**, Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, Rio de Janeiro, n.45, 2023b, p.152-168. Jan-Abr./2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.73443>.

FERRARI, L. V. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 3, n. 1, 1999.

FERRARI, L. V. Semântica objetivista ou semântica cognitiva? Implicações do modelo semântico na análise de condicionais. **Gragoatá**, 20(38). 2015. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i38.33304>

FERREIRA, L. F ; RECH, N. The modal construction ‘vai que’ in Brazilian Portuguese. **Linguística Formal**. Rio de Janeiro | volume 20 | número 3 | p. 76 - 103 | set. - dez. 2024. <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2024.v20n3a65263>

FILLMORE, C. J. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: **Chicago Linguistic Society**. 1990. p. 137-62.

GOMES, G. Three types of conditionals and their verb forms in English and Portuguese. **Cognitive Linguistics**, v. 19, n. 2, p. 219-240, 2008.

GOMES, G.; MONKEN, P. M. Postura epistêmica e parafraseabilidade diferencial em condicionais. **Rev. Est. Ling.** Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 127-140, jul./dez. 2011.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, p. 219-224, 2003.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburg: Edinburgh Textbooks on the English, 2014.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Leiden: Brill, 2021.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. 'Vai que eu engravidou de novo?': gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama**, São Paulo, v. 81-82, 2010.

PAULA, J. L. **Não vou deixar a Monografia para depois! Vai que eu atraso? Uma análise centrada no uso da construção [[Vai que] (S) V]** (Graduação em Letras: Português/Francês), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SANTOS SILVA, T; CEZARIO, M. M. C. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. **Revista Odisséia**, [s. l.], v. 4, n. especial, p. 132-153, 2019.

SCHWENTER, S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B; (eds.). **Cause, condition, concession, contrast**: cognitive and discourse perspectives. Berlin; New York: Mouton de Gruyter; 2000.p. 257-281.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## Sobre os autores

*Juan Lima de Paula*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7607-1022>

Bacharel em Letras (Português e Francês) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e integrante do grupo de pesquisa “Discurso e Gramática” (D&G/UFRJ). Atualmente, mestrando em Linguística do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ) e bolsista CAPES. A pesquisa realizada sobre “vai que” se enquadra na Linha 4 do PPGLIN: Modelos Funcionais Baseados no Uso.

*Leyla Ely*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8221-5974>

Licenciada em Letras – Português e Espanhol – e mestra em Linguística pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó (SC). Atualmente, é doutoranda em Linguística e ex-bolsista CAPES/PROEX pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De março a agosto de 2023, realizou estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade Católica de Braga, sob a supervisão do Dr. Augusto Soares. Participa do Grupo de Estudo Discurso e Gramática. É autora de artigos sobre condicionalidade e modalização epistêmica e sobre a construção “vai que”.

*Maria Maura da Conceição Cezario*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua na Graduação em Letras e na Pós-graduação em Linguística (CAPES 6). É Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez Pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014) e na UFRN (2019-2020). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: construções oracionais adverbiais, ordenação de adverbiais temporais, mudanças construcionais, formação de construções sob a ótica da Linguística Funcional Centrada

no Uso. Coordena o Grupo de Estudos Discurso e Gramática. É bolsista de Produtividade 1D do CNPq e Cientista do Nosso Estado – FAPERJ (2023).

*Agências de fomento*

Este capítulo é produto de projetos financiados pelas seguintes agências: CNPq (Bolsa de produtividade, Nível 1D, processo 306941/2021-0), FAPERJ (Edital Cientista do Nosso Estado, processo E26/200.472/2023) e CAPES (Bolsa de Mestrado, processo 88887.143579/2025-00 e de Doutorado)

Recebido em abr. 2025.

Aprovado em set. 2025.